

Em busca de outros olhares: a fotografia aplicada à educação visual, um estudo de caso com adolescentes de Cubatão

Sander Newton Siqueira Mendes

Fotógrafo e arte educador. Graduado em Fotografia pela Universidade Paulista e especialista em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: sandernewton@gmail.com.

Michel de Oliveira

Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Comunicação e especialista em Fotografia: Práxis e Discurso pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: michel.os@hotmail.com.br.

Resumo

Este artigo apresenta os resultados da oficina de educação visual por meio da linguagem fotográfica realizada com adolescentes do Projeto Superação, na cidade de Cubatão (SP). Discute como os meios técnicos e a conjuntura cultural influenciam em seus modos de ver e de se representar. A proposta se baseia em referenciais teóricos sobre educação visual e em conceitos da mídia-educação. Com a avaliação comparativa do antes e depois dos registros feitos pelos educandos foi possível diagnosticar que a discussão fomentada durante a oficina, aliada à práxis, despertou formas de perceber o entorno de maneira mais criativa e até mesmo crítica.

Palavras-chave

Educação visual; linguagem fotográfica; mídia-educação; representação.

Abstract

This paper shows results of a visual education workshop made with teenagers of the Superação (Overcoming) Project, in Cubatão, São Paulo. The workshop used photographic language as a source to visual education. Therefore, the present study argues how this technical media and cultural aspects have influenced in how the teenagers now see and represent themselves. The references used as basis are about visual and media education. By comparing the photographs made before and after the workshop it was possible to have the following diagnosis: both practice and discussion made throughout the workshop awakened creativity and critical thinking in the way the young group saw themselves and their surroundings.

Keywords

Visual education; photographic language; media education, representation.

Introdução

Uma das características da sociedade contemporânea é a produção e a disseminação desenfreada de imagens, que se tornou possível graças aos dispositivos móveis conectados à internet. Aliar produção e difusão de conteúdos em um mesmo aparelho acirrou a saturação cotidiana de representações visuais: qualquer indivíduo, munido de um *smartphone* ou *tablet*, tornou-se produtor em potencial de imagens. Com isso, houve uma rápida transformação – ainda em curso – dos meios e formas de interação entre os indivíduos.

Nesse contexto, adolescentes e jovens se tornam público-alvo bastante visados pelas

demandas da cultura visual vigente. Seja para aquisição de aparatos tecnológicos, que rapidamente se tornam obsoletos, ou para o consumo simbólico das representações imagéticas da sociedade em rede. A geração dos nativos digitais¹ representa uma parcela considerável de consumidores e produtores de *selfies*, *memes* e vídeos, em muitos casos sendo também os protagonistas de sua difusão.

Apesar de estarem bastante familiarizados com os aparatos digitais na vida cotidiana, parece haver uma incompreensão quase que generalizada do funcionamento e das potencialidades dos aparelhos. Situação que se deu com a automatização do ato fotográfico ou da captura de um vídeo. Não é preciso entender como se dá o processo, basta apenas apertar o botão.

A discussão aqui apresentada busca ampliar as possibilidades criativas dos aparatos digitais a partir da educação visual, especificamente por meio da linguagem fotográfica. Parte da premissa de que ao entender a fotografia como fenômeno de linguagem ampliam-se as possibilidades de interpretação sobre ela. Com isso, permite que o espectador – que agora também é produtor –, reflita sobre os conteúdos das imagens com os quais se defronta diariamente, seja na televisão, nos *outdoors* ou nas redes sociais da internet, a fim de proporcionar o senso crítico sobre os processos de produção, difusão e consumo imagético.

O ensino da linguagem fotográfica, voltado para o contexto da cultura visual, oferece a base para este trabalho, que apresenta uma análise da oficina realizada com jovens estudantes da rede pública de ensino, entre 14 e 17 anos, participantes do Projeto Superação, idealizado pelo grupo Teatro do Kaos, na cidade de Cubatão, São Paulo.

A oficina, realizada em março de 2015, teve como objetivo principal apresentar discussões e exercícios envolvendo a fotografia aos adolescentes para que pudessem perceber as potencialidades criativas dos aparatos móveis, bem como levantar questões relacionadas às atuais demandas da visibilidade. A avaliação da oficina será feita a partir da análise comparativa das fotografias produzidas pelos educandos antes e depois dos encontros, e de alguns depoimentos dos adolescentes que participaram da oficina.

Mediar essa discussão com jovens teve como incentivo a necessidade de proporcionar outro olhar sobre a importância do processo fotográfico, consentindo a ele potencialidades que ultrapassem as barreiras da reprodução automatizada, a fim de debater a produção fotográfica além do consumo midiático, resgatando seu potencial comunicante e criativo.

Pensamento crítico contra a automação

Na contemporaneidade, a construção identitária dos jovens é influenciada pelas novas tecnologias, que modificam a relação com a realidade e a maneira de conceber o mundo. As manifestações estereotipadas de valores, normas e modelos de comportamento socialmente dominantes que são apresentadas às crianças e aos jovens, por meio das mídias eletrônicas, trazem a eles situações psicologicamente complexas, visto a falta de maturidade para compreender o contexto no qual estão inseridos. Isso resulta na construção de um mundo inteiramente positivo, expurgado de toda ilusão, em que a realidade simula a si própria como virtualidade, como afirma Jean Baudrillard (2001).

Nesse sentido, é necessário propor outra forma de construção do pensamento, não apenas textual, mas imagética, que esteja voltada para o entendimento analítico e crítico de como essas mudanças interferem na percepção da realidade. Com o acirramento da cultura

¹ O termo foi cunhado pelo escritor e designer de jogos estadunidense Marc Prensky para se referir aos nascidos na era digital. A principal característica dessa geração é não ter acompanhado a transição das tecnologias analógicas para o digital, sendo para eles natural e corriqueiro o uso de aparatos conectados à internet.

visual, torna-se imperativo que as práticas educacionais abranjam a compreensão e apropriação dessa cultura imagética presente no cotidiano, a fim de explorar as características inerentes dessa linguagem, para que o sujeito possa ser um receptor crítico e criativo.

Para tanto, é necessário que os espaços formativos promovam a integração das tecnologias da informação e comunicação em suas práticas de ensino, uma vez que elas estão presentes e influenciam na esfera da vida social. A educação deve construir experiências pelas quais os indivíduos possam aprender a resolver questões que gerem sentido ao mundo em que vivem.

É fundamental que as instâncias educacionais – formais e não formais – possibilitem o acesso desses jovens às tecnologias de mídia e desenvolvam com eles metodologias que os permitam entendê-la, criando habilidades para se relacionar com esse meio como protagonistas críticos. Sob esse arrimo, a proposta da mídia-educação dialoga com essa necessidade:

[...] adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídias também. Neste sentido, esta discussão também envolve os direitos das crianças, pois mais que prover e/ou proteger as crianças dos meios há que se pensar em formas de prepará-las mais eficazmente para as responsabilidades do ser criança hoje. (FANTIN, 2006, p. 31).

Nota-se que uma parte muito significativa da informação que os cidadãos, e neste caso os educandos que participaram da oficina, dispõem da sua própria realidade, provém da mídia, o que justifica, segundo Sánchez (*apud* MORAIS, 2006), a sua incorporação no cotidiano escolar, vislumbrando a apreensão dos conteúdos, caracterizada pela criticidade promovida por ela. Todavia, há espaço para esse tipo de educação fora das instituições de ensino formal, podendo se expandir num caráter de educação não-formal, a exemplo dos espaços de movimentos sociais e populares, iniciativas de ONGS e afins.

Dentro das experiências em educação e imagem, a fotografia é pensada de diversas maneiras, como ressalta Wunder (2009): como possibilidade de registro do vivido, como narrativa de sentidos e memórias, como afirmação de identidades, como forma de produzir e expressar representações sociais e culturais, mas raramente como criação artística e invenção de mundos. É com base nesse debate sobre as possibilidades de expressão, criação de sentidos e reflexão sobre a produção de imagens que foi pensada a oficina que será analisada a seguir.

A partir dessa discussão, é possível trabalhar com a premissa de que a mídia-educação pode ser aplicada como mecanismo de transformação dessa realidade, visto que, ao possibilitar uma análise crítica, oferece ferramentas para que a realidade em que os indivíduos estão inseridos possa ser avaliada a partir de outros parâmetros e, consequentemente, modificá-la, como sugere Belloni (2009, p. 74-75):

[...] as crianças e os adolescentes - principalmente os que não pertencem às classes sociais mais favorecidas - não sabem utilizar de maneira que lhes seja vantajosa estes instrumentos extraordinários de comunicação contemporâneos [...] Como transformar a relação da criança e do adolescente com a mídia? [...] ensinar às crianças o domínio da linguagem visual, do mesmo modo que se ensina o domínio da linguagem escrita.

Os referenciais que auxiliaram na prática da oficina aliam-se aos pensamentos de

educação visual e às discussões acerca da imagem, relacionando-as com a sua aplicação pelo homem contemporâneo, visando entender o espaço e tempo ao qual estão inseridas. Para tal, buscou contribuições de autores como Vilém Flusser (1985), uma vez que durante a oficina foi possível atentar para a falta de orientação dos adolescentes na forma de se representar e representar o mundo, sendo reprodutores de imagem e estando condicionados a elas. Constatção que está alinhada às considerações do autor:

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, interpõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. (FLUSSER, 1985, p. 9).

O autor ressalta ainda que “a função das imagens técnicas é a de emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente” (FLUSSER, 1985, p. 16), sem essa compreensão, as imagens deixam de ser elementos emancipadores para impulsionar o processo de conformação.

Ainda sob este prisma, Baitello Junior (2005) tece considerações em que aborda questões como a da reprodutibilidade das imagens e a rarefação dos corpos, atestando a ideia do esvaziamento poético.

A compulsão para a reprodutibilidade conduz a uma inflação de superfícies e uma crescente perda das profundidades e profundezas, marcas inconfundíveis e indelévels do corpo. Assim sucumbem os corpos, na perda da dimensão de profundidade. E porque sucumbem os corpos, transformam-se as pessoas em imagem das imagens, superfície das superfícies. (BAITELLO JUNIOR, 2005, p. 50-51).

Paula Sibilia (2008), em seu livro *O show do eu*, contribui com reflexões que dizem respeito ao entendimento da identidade desse homem hiperconectado que, segundo a autora, traz consigo uma necessidade exibicionista de ser reconhecido pelo olhar alheio, em que é preciso aparecer para ser.

[...] se o paradoxo do realismo clássico consistia em inventar ficções que parecesse realidade, lançando mão de todos os recursos de verossimilhança imagináveis, hoje assistimos outra versão desse aparente contra-senso: uma ânsia por inventar realidades que pareçam ficções. Espetacularizar o *eu* consiste precisamente nisso: transformar nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos (SIBILIA, 2008, p.197).

Baitello Junior (2005) considera ainda que ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais possibilitaram maior facilidade na produção de imagens, popularizando o seu acesso; por outro lado isso se fez de modo que o conhecimento necessário no processo de produção e difusão se limitasse à reprodutibilidade automática, que esvazia o potencial criativo e comunicativo das imagens, resultando na banalização dos conteúdos.

Educação visual: uma proposta

A pesquisa que resultou na discussão aqui apresentada surgiu de inquietações suscitadas durante o contato com educandos das oficinas de teatro do Kaos², em Cubatão, no transcorrer do segundo semestre de 2014. Durante as aulas de teatro, e a partir da observação do perfil dos adolescentes nas redes sociais, foi possível perceber que eles se apresentavam como agentes passivos no processo de produção de imagens, visto a “padronização” encontrada em suas páginas, que se apresentavam como indícios do desconhecimento daquilo que reproduzem. Essa análise prévia foi o fator determinante que impulsionou o desenvolvimento de uma estratégia educacional baseada na fotografia, a fim de que os adolescentes tivessem uma discussão crítica inicial acerca das imagens.

A partir desses dados preliminares conseguidos a partir da observação, foi organizada a oficina, aberta para adolescentes de 14 a 17 anos. A opção por esse recorte etário deu-se pelo fato de ser a primeira geração a vivenciar um cotidiano marcado pelas tecnologias digitais. Apesar do uso corriqueiro, esses adolescentes demonstravam não ter consciência dos impactos dessa tecnologia, pois a educação formal não aborta de forma direta as questões relacionadas à produção e consumo de imagem.

O contato inicial para divulgação da oficina foi feito por meio da rede social *Facebook*. No primeiro momento, mais de 50 matriculados nos cursos de iniciação teatral oferecidos pelo Projeto Superação demonstraram interesse em participar da oficina³. Foi criado um grupo fechado na rede e através dele foram decididos os dias e horários que melhor atendessem aos adolescentes. Nesse segundo contato, 22 educandos permaneceram interessados em participar da oficina *Fotografia: reflexões e práticas*, ministrada em quatro encontros realizados na primeira quinzena de março de 2015. Os encontros ocorreram na sala multimídia do Parque Anilinas, em Cubatão, no período vespertino – contraturno escolar –, e tiveram duração de duas horas nos dois primeiros encontros e três horas nos dois últimos. Dos inscritos, 19 eram do sexo feminino e três do sexo masculino. Em nenhum dos encontros compareceram todos os inscritos.

A oficina teve como proposta contribuir para o desenvolvimento de práticas educacionais baseadas no ensino da fotografia como ferramenta de conscientização, fugindo da clássica abordagem tecnicista. Dessa maneira, objetivou discutir e testar novas práticas de ensino fotográfico, que possam ser replicadas e aperfeiçoadas por outros pesquisadores ou professores.

O trabalho realizado alinha-se à perspectiva metodológica da pesquisa participante, definida por Pedro Demo (1984) como sendo aquela que:

[...] busca a identificação totalizante entre sujeito e objeto, de tal sorte a eliminar a característica de objeto. A população pesquisada é motivada a participar da pesquisa como agente ativo, produzindo conhecimento, e intervindo na realidade própria. A pesquisa torna-se instrumento no sentido de possibilitar à comunidade assumir seu próprio destino. Ao pesquisador que vem de fora cabe identificar-se ideologicamente com a comunidade, assumindo sua proposta política, a serviço da qual se coloca a pesquisa. (DEMO, 1984, p.27).

² As oficinas de teatro fazem parte do projeto Superação, idealizado pelo grupo Teatro do Kaos e é viabilizado com o patrocínio da Petrobrás, através do Programa de Desenvolvimento & Cidadania desde 2011. Atende anualmente 440 estudantes, entre 10 e 17 anos.

³ Cabe destacar que os matriculados no Projeto Superação são estudantes da rede pública de ensino.

O referencial metodológico da pesquisa participante serviu como base estruturante para organização da oficina, que teve como objetivos iniciais apresentar aos adolescentes alguns preceitos relacionados à educação visual, com base em referenciais da mídia-educação e da linguagem fotográfica. O conteúdo programático dos encontros foi definido a partir de uma conversa com os participantes da oficina, inserindo-os como protagonistas do processo desde o início.

As atividades alternaram entre momentos de discussão teórica e aplicação prática e se desenvolveram a partir da apresentação do conteúdo e da estratégia adotada para a realização da oficina. No âmbito teórico, abrangeram questões relacionadas à proliferação desenfreada das imagens e suas possíveis consequências, as formas padronizadas de representação, a ideia de realidade na fotografia, alguns aspectos da linguagem fotográfica, o registro como fonte de memória, conceitos de educação visual a partir da mídia-educação e análise e interpretação das imagens a partir da iconografia e iconologia.

No campo prático, os educandos produziram uma foto antes do início das discussões da oficina, que serviram como avaliação comparativa com as que captaram durante a oficina. Eles foram estimulados a produzir fotografias em que experimentassem outro olhar, relacionando com os conceitos apreendidos sobre a linguagem. Para tanto, foram submetidos a tomar fotos de um mesmo objeto, criar um autorretrato e participar de uma saída fotográfica pela cidade.

Desenvolvimento da oficina

O primeiro encontro da oficina foi realizado com 16 adolescentes na sala multimídia do Parque Anilinas, no dia 6 de março de 2015. No primeiro contato, os participantes foram questionados sobre a sua relação com a fotografia. Todos afirmaram gostar de fotografar e atestaram que esse é um hábito presente no seu cotidiano⁴. Em levantamento feito com os adolescentes, a predileção pelos temas de registros dividiu-se da seguinte maneira: paisagens (7 educandos), flores (3 educandos), pessoas (4 educandos) e animais (2 educandos). Todos os inscritos possuíam celulares equipados com câmera fotográfica.

O encontro foi iniciado com a exposição dos objetivos das atividades fundamentadas nos preceitos da educação visual, por intermédio da linguagem fotográfica, tendo ressaltado a relevância desta para a compreensão crítica como meio de inibir a reprodução gratuita e esvaziada de sentido, uma vez que “as imagens que povoam nossos meios imagéticos se constituem, em grande parte, de ecos, repetições e reproduções de outras imagens, a partir do consumo das imagens presentes no grande repositório”, como afirma Baitello Junior (2014, p. 74).

Em seguida, foi iniciada uma discussão sobre o conteúdo das imagens compartilhadas na internet, seja como representação de si, os *selfies*, ou do mundo que os cerca. Ao serem questionados sobre o porquê fotografam tanto, as respostas giraram em torno de apreenderem as imagens para mostrarem aos outros ou para a recordação do momento. Na sequência, foi solicitado que tomassem uma fotografia qualquer, como corriqueiramente o fazem, tendo o parque como limítrofe da ação. Essas imagens serviram como base para a avaliação do resultado da oficina.

Ao retornarem à sala, o assunto abordado foi a realidade fotográfica e suas ficções, a partir das contribuições teóricas de Boris Kossoy (2009, 2014a, 2014b). Para tanto, foi apresentada uma fotografia em preto e branco, datada de setembro de 2014. A discussão

⁴ As informações apresentadas neste artigo foram registradas por meio de relatório do andamento da oficina e gravações sonoras.

fomentada pelos adolescentes versou sobre se aquela imagem era a realidade ou havia sido, pois há vestígios que contemplam o registro de um acontecimento e, segundo todos os presentes, era algo concreto e verdadeiro.

Contrapondo-se a essa ideia, foram apresentados alguns conceitos do Kossoy (2009), que afirmam que o processo de criação do fotógrafo engloba uma aventura estética, cultural e técnica, que juntas originam a representação fotográfica, identificando os componentes estruturais da fotografia como: elementos constitutivos e coordenados de situação, em que o primeiro está atrelado ao assunto, o fotógrafo e a tecnologia, já o segundo remete à noção de tempo e espaço. O ato de fotografar, para o autor, está envolto de realidade, visto que a fotografia necessita de um referente no mundo, mas também permeado de ficções, uma vez que o recorte é uma possibilidade do real:

A fotografia não está enclausurada à condição de registro iconográfico, isento dos cenários, personagens e fatos das mais diversas naturezas que configuram os infinitos assuntos a circundar os fotógrafos, onde quer que se movimentem. Há um olhar e uma elaboração estética na construção da imagem fotográfica (KOSSOY, 2014a, p. 52).

Essa primeira elucidação veio com o exemplo de que a realidade não é vista em preto e branco e, portanto, havia uma intencionalidade estética proposta na imagem. Há implícito nela uma série de escolhas e de manipulações feitas, como a opção pelo tema, pela cor, ângulo, tempo de exposição, abertura do diafragma, enquadramento, iluminação etc.

[...] Todas essas escolhas, todas essas manipulações são a prova de que se constrói uma fotografia e, portanto, a sua significação. Se a existência do que está na fotografia é inegável (o que peguei na fotografia estava necessariamente diante de minha câmara; não vamos falar das fotos com trucagem), em compensação, o que a fotografia significa, seu sentido, é construído de maneira totalmente convencional e cultural pelo jogo de todos esses parâmetros (JOLY, 1996, p. 128).

Ao defrontar a ideia que tinham com essas explicações teóricas, os educandos entenderam que a imagem fotográfica é composta de subjetividade, de intenções e que não é a realidade tal como “espelho da verdade”, mas como recorte escolhido pelo fotógrafo que carrega consigo inúmeras intenções.

No decorrer do primeiro encontro, foi apresentada uma projeção com *selfies* compartilhadas pelos adolescentes em seus perfis das redes sociais, objetivando verificar o padrão de reprodução. Embora todos tenham atestado serem sujeitos únicos, concordaram que as imagens obedecem a uma padronização de poses e estilos. Quanto às representações, as respostas foram diversas, entre elas, houve os que alegaram que é uma forma que está constituída e apenas reproduzem para serem aceitos no convívio social – neste caso, virtual –, em que revelam sempre a melhor parte de si, como uma espécie de propaganda. Afirmaram também que a veiculação dessas fotografias na internet tem menos a ver consigo e mais a ver com o outro, com o que quer mostrar.

Esse mundo espetacular, construído na virtualidade, é repleto de ilusões, um reino dos simulacros que levam o indivíduo às relações paradoxais de proximidade com quem está distante e de distanciamento com quem está próximo. A noção de espaço e tempo está diluída. Para Zambon e Lopes (2007, p. 41), “mostrar-se no ciberespaço é, ao mesmo tempo, escolha e imposição das novas relações de sociabilidade”.

Ao fim do encontro, foram mostradas a eles algumas fotografias captadas com celular que possuem uma apropriação dos recursos de linguagem, identificando alguns aspectos. Foi solicitada que realizassem uma pesquisa sobre uma imagem que abordasse o seu tema de predileção e uma fotografia que evocasse alguma lembrança para análise durante o terceiro encontro.

No segundo encontro, no dia 9 de março, compareceram 18 adolescentes e foi discutido o conceito de fotografia. Para muitos educandos, tratava-se de uma forma de expressão conduzida através do olhar, uma manifestação artística que necessita de um referencial do mundo para existir. Após um bate-papo de quase uma hora sobre o porquê fotografam tanto, acerca dos padrões de beleza impostos pelas mídias e outros assuntos, foram propostos dois exercícios práticos.

O primeiro consistiu em fotografar um brinquedo do *playground* do parque, explorando um olhar diferenciado em relação a ele, buscando texturas, formas, ângulos, detalhes e cores. Foram divididos em dois grupos de nove pessoas e em que cada uma tinha o direito a 15 fotografias, tendo que escolher ao final apenas três que seriam analisadas no encontro seguinte.

O segundo exercício buscou a interdisciplinaridade com as aulas de teatro. Foi proposto que formassem duplas e que observassem seu parceiro, investigando todas as suas particularidades por meio do olhar. Após minucioso exame, criaram uma imagem com o corpo alheio e alocaram em algum lugar do parque que compusesse com a sua criação. Foi permitido que fizessem cinco fotos, podendo escolher somente uma. Ao final das práticas, foi requisitado o envio das imagens por email e a produção de um autorretrato que dialogasse com identidade de cada um e que precisaria ser apresentado no último encontro.

Em todas as atividades propostas, os educandos tiveram total liberdade de criação e foram autônomos na execução das fotografias, sendo apenas estimulados e provocados a partir das conceituações prévias debatidas em sala.

O terceiro encontro, no dia 13 de março, contou com a presença de 12 educandos e abordou possibilidades para uma análise iconográfica e interpretação iconológica, fundamentadas por Kossoy (2009). As fotografias que abordavam o tema de predileção dos educandos foram analisadas seguindo esses parâmetros. A segunda atividade do dia teve como base a discussão das produções atuais e sua relação com a memória. As fotografias que levaram para discutir o assunto tinham laços de afetividade bastante fortes e criou alguma comoção na turma.

Le Goff (1990, p. 401-402) ressalta a importância da fotografia enquanto preservação da memória, quando diz: “[...] A fotografia revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. É preciso entender, portanto, o que está sendo deixado como memória e o quanto a reprodução dos vazios existentes moldam uma narrativa que influenciará a forma como se lembrarão do passado. Para Kossoy (2014b, p. 133):

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem. Uma única fotografia e dois tempos: o tempo da criação, o da primeira realidade, instante única da tomada do registro do passado, num determinado lugar e época, quando ocorre a gênese da fotografia; e o tempo da representação, o da segunda realidade, onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração. O efêmero e o perpétuo, portanto.

Para finalizar, foi proposta uma saída fotográfica, cujo objetivo era enxergar a cidade e o que está em seu entorno sob uma perspectiva diferente. Como havia chovido muito, optou-se em criar imagens através dos reflexos das poças d'águas formadas, utilizando os aprendizados teóricos proporcionados pela oficina.

No último encontro, no dia 16 de março, os conceitos aprendidos foram retomados a fim de fixá-los, abrindo espaço para dúvidas. Concluiu-se tecendo comentários sobre os conteúdos imagéticos propagados pelos veículos de comunicação e como a mídia-educação e a educação visual contribuem para a construção de um sujeito crítico e criativo. Por fim, foram analisadas as fotografias produzidas no encontro anterior e os autorretratos. A oficina foi encerrada com uma avaliação composta por cinco questões dissertativas relativas ao processo de aprendizagem, que tinham por objetivo identificar os conteúdos apreendidos pelos adolescentes e verificar alguma possível mudança de atitude em relação à captação de imagens.

As questões que o compunham eram: 1) Qual a importância de saber interpretar uma imagem? 2) Depois da oficina, você mudou o seu pensamento sobre o ato de fotografar? Explique. 3) O que você aprendeu de mais importante e que tentará aplicar nas suas próximas fotografias? 4) Apesar de sermos todos diferentes, percebemos que há um padrão imagético quanto à forma de nos representarmos e enxergarmos o mundo, algo pré-estabelecido que apenas reproduzimos. Você acredita que após a oficina, será capaz de produzir algo diferente? Por quê? 5) Depois das discussões da oficina, acredita que ao ver uma imagem, seja nas redes sociais, na propaganda de TV, nos *outdoors*, cartazes, revistas, você será uma pessoa mais crítica? Justifique.

Antes e depois: outros olhares

A fim de identificar as mudanças na forma de representação dos educandos participantes, foram propostas análises quanto aos conteúdos produzidos antes e depois da oficina, à compreensão que adquiriram sobre os temas desenvolvidos e como podem relacionar com outros saberes. Nessa avaliação, todos os participantes tiveram que explicar o conceito da fotografia produzida, minuciando o processo de escolhas com base nos conceitos aprendidos em sala.

Para esta análise, foram escolhidas três educandas. O critério de seleção foi a presença em todos os encontros, a realização de todos os exercícios e a participação ativa nas discussões propostas. Esse recorte fez-se necessário para que a avaliação se desse de maneira mais detalhada. Apesar de as fotografias deste estudo serem analisadas em âmbito individual, cabe ressaltar previamente que os resultados positivos foram alcançados por todos os participantes da oficina, o que reforça o potencial da mídia-educação como propulsora de reflexões sobre a vida cotidiana.

As fotografias a seguir (Figuras 1 e 2) são da aluna Érica Beatriz, de 17 anos, e versam sobre a diferença entre o *selfie* publicada no *Facebook*, em dezembro de 2014, e o autorretrato produzido como exercício proposto durante a oficina.

Figuras 1 e 2: Fotografias antes e depois da educanda Érica Beatriz



Fotografias: Érica Beatriz

Por meio dessa comparação é possível perceber uma notória mudança na forma de representação. A primeira fotografia segue o “padrão *selfie*”: enquadramento frontal, olhar focado na câmera e sorriso. Nota-se ainda o uso de um filtro preto e branco. Apesar de se tratar de um retrato, não é possível encontrar traços distintivos da personalidade do fotografado. O padrão de representação serve mais a uma estética vigente, conforme detalha Fabris (2004, p. 55): “A identidade do retrato fotográfico é uma identidade construída de acordo com normas sociais precisas. Nela se assenta a configuração de um eu precário e ficcional”. Assim, essa imagem apenas reforça a sensação de pertencimento social, em detrimento de uma representação mais próxima da identidade do fotografado.

Já no segundo retrato, há uma tentativa de afastamento desses valores, quando a adolescente se retrata por meio de uma representação mais introspectiva, na qual procura se revelar de maneira mais expressiva, captando a multiplicidade dos seus pensamentos. Para a autora da fotografia, além de a imagem apresentar uma maneira de como ela se enxerga, também servirá como um registro que preservará a memória de como ela se sentia nessa fase da vida. Érica afirma: “[...] Daqui alguns anos, irei olhar pra essa foto e direi: ‘Caramba! Isso é o que eu pensava com 17 anos’. Imagino que darei risada das minhas preocupações e me lembrarei com carinho dessa época”.

A afirmação da aluna dialoga com o conteúdo debatido durante a oficina, quando foi discutido que as representações criadas moldam uma narrativa que influenciará a forma como se lembrarão do passado. Conforme Kossoy (2009, p. 136-137), “A fotografia funciona em nossas lembranças como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelados contra a marcha do tempo.”

A segunda educanda cujas fotografias (Figuras 3 e 4) serão analisadas chama-se Luana Albeniz, 16 anos. Uma particularidade dessa aluna é que a cada fotografia que entregava, demonstrava ter um domínio maior das informações obtidas em sala, que estavam explícitas na forma como construía suas representações.

Figuras 3 e 4: Fotografias antes e depois da educanda Luana Albeniz



Fotografias: Luana Albeniz

Em ambas as fotografias, o assunto encontra-se num olhar direcionado ao chão e estão em preto e branco. Entretanto, na primeira, a imagem denota pouca criatividade na escolha dos motivos fotografados. Observa-se parte dos seus pés sobre um tapete que está em frente a outro em formato de uma câmera fotográfica.

Já na segunda imagem, produzida durante a saída fotográfica, a aluna apresenta uma composição mais complexa e criativa, na qual explorou a relação do reflexo das árvores na poça d'água e a textura do chão, conseguindo um efeito *dégradé*. Segundo a adolescente, a opção pelo preto e branco na segunda fotografia não foi por casualidade, mas um fator estético, que proporcionou à imagem o efeito que pretendia.

Ao responder o questionário de avaliação, no qual uma das perguntas procurava entender se depois da oficina havia tido alguma mudança quanto ao pensamento sobre o ato de fotografar, Luana foi clara ao responder: “Sim, antes eu fotografava pelo simples ato de fotografar, sem pensar no impacto que a imagem poderia causar. Agora eu vejo a foto e penso o que ela representa pra mim e o que eu vejo além do óbvio”.

Essa afirmação se aproxima da premissa que norteou este trabalho: que a educação visual aliada ao ensino da linguagem fotográfica é uma ferramenta que pode auxiliar na construção de novos repertórios imagéticos, tornando o sujeito um agente crítico capaz de agir diretamente no próprio processo formativo.

Por último, serão analisadas as fotografias da aluna Vanessa Ramos, de 17 anos. Sua maneira de pensar fotografia restringia-se somente ao que estava explícito, longe da compreensão do discurso fotográfico que pode estar intrínseco nas imagens. Ao reconhecer o entendimento da linguagem fotográfica, ampliou as possibilidades de produzir seus próprios discursos, mergulhando em questões interiores da fotografia, de modo a encontrar e perceber as suas múltiplas camadas de significação, pensamento sustentado por Kossoy (2014, p. 132):

O significado mais profundo da vida não é o de ordem material. O significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito. O significado é imaterial; jamais foi ou virá a ser um *assunto visível* passível de ser retratado fotograficamente. O vestígio da vida cristalizado na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreendam os elos da cadeia de fatos *ausentes* da imagem, Além da verdade iconográfica.



Fotografias: Vanessa Ramos

A primeira fotografia escolhida pela educanda (Figura 5) apresenta o registro de um pequeno arbusto florido, tomada de um ângulo *plongée*. A imagem tem uma composição muito simples e as flores que eram o elemento de destaque da fotografia se perdem em meio à textura da folhagem, destacando-se apenas por causa da cor. Já a segunda fotografia (Figura 6) apresenta uma composição mais complexa, com o elemento fotografado bem destacado no enquadramento central. O reflexo na água traz uma dubiedade à imagem, que exige do espectador um olhar mais atento para que possa entender os detalhes. A escolha pelo preto e branco complementa a mensagem da fotografia, chamando a atenção para as formas e não para a cor, como no caso da primeira imagem.

Quanto à oportunidade de conhecer os novos recursos que a fotografia lhe permitiu experimentar durante a realização da oficina, a adolescente afirmou: “Eu amei demais essa experiência, aprendi muito, tirei fotos simples como essas das poças d’água que nunca tinha pensado em tirar e eu me surpreendi com o resultado, gostei muito de ter participado dessas aulas [...] Mudei meu ponto de vista sobre as coisas”.

Os 16 educandos presentes no último dia da oficina responderam ao questionário avaliativo que continham perguntas sobre a importância de saber interpretar imagens, do impacto da oficina quanto ao pensamento sobre o ato de fotografar, dos aprendizados mais significativos, das possibilidades criadas e que serão utilizadas no dia a dia. As respostas convergiram para a importância de interpretar uma fotografia, com a consciência de que ela é uma interpretação da realidade, que pode ser captada de diversas formas, ângulos, cores e que dependendo dos recursos utilizados, pode ser também um meio de manipular ou ditar padrões. O que fica claro no relato dos adolescentes é a descoberta de um novo olhar, um horizonte de formas infinitas de expressão.

Contudo, quando a questão é a representação de si, as opiniões dividiram-se em dois polos. Um deles está na vontade de tentar se conhecer e se expor de novas maneiras, criando registros que estejam mais ligados à identidade e à memória. Para outros, essa será uma barreira difícil de romper, visto o automatismo ao qual reconhecem se encontrar, todavia, relataram que possuem outras possibilidades que tentarão explorar.

Considerações finais

Apesar dos aparatos tecnológicos serem muito acessíveis aos adolescentes e de a fotografia estar presente no dia a dia de diversas maneiras, foi possível diagnosticar que os educandos desconheciam como os elementos básicos de estruturação de uma fotografia podem interferir na construção de uma mensagem, sendo considerados como mera reprodução da realidade.

A oficina buscou aproximá-los de alguns conceitos básicos voltados à educação visual. À medida que arquitetavam seus próprios pensamentos, eram submetidos a práticas com o intuito de ampliarem sua capacidade de entendimento. E assim sucedeu-se durante os quatro encontros.

Com a avaliação comparativa do antes e depois, foi possível diagnosticar que a discussão fomentada durante a oficina, aliada à *práxis*, despertou nos adolescentes novas formas de enxergar e perceber o seu entorno de forma mais criativa e até mesmo crítica. Esses resultados observados apontam que o caminho para uma educação visual começa com o descondicionamento automatizado do olhar.

Durante os encontros, foi notório que os adolescentes que participaram da oficina não foram ensinados a pensar imagem, apenas submetidos a elas sem reflexão. Quando são submetidos à demanda produtiva das redes sociais e aplicativos de compartilhamento de imagens, tornam-se repetidores de padrões pré-estabelecidos, deixando de lado a criatividade e o potencial comunicativo da fotografia. Por estarem imersos nesse contexto hiperconectado, não refletem sobre as práticas, utilizam os dispositivos de captura de imagens como reprodutores, ainda baseados na crença positivista da fotografia como “espelho do real”.

A experiência da oficina apontou ainda para a necessidade que eles possuem de se expressar e a falta de canais de diálogo efetivos que estimulem essa prática – o que contraria a lógica de que por haver meios que possibilitam a interação, o diálogo seja efetivo. A satisfação dos meninos e meninas não estava associado somente ao resultado alcançado com as fotografias produzidas, mas também com a percepção de que são seres capazes de pensar e discutir criticamente, desde que sejam estimulados para tal, gerando neles uma sensação de pertencimento sobre o assunto tratado. É preciso destacar que o conteúdo oferecido durante os encontros corroborou construtivamente ao não subestimá-los, mas colocá-los como protagonistas da discussão.

Por fim, vale ressaltar que a experiência dessa prática de ensino fotográfico, não pretende encontrar um único método, mas que possa ser testada e aperfeiçoada por outros pesquisadores ou professores para que iniciativas com esse caráter possam cada vez mais ganhar espaços de trocas, suscitando novos saberes.

Referências

- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAUDRILLAD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa participante**: mito e realidade. Rio de Janeiro: Senac, 1984.

- FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- _____. **Fotografia & História**. 5ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2014a.
- _____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 3ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2014b.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: SP editora da UNICAMP, 1990.
- LOPES, Dirce Vasconcellos; ZAMBON, Michele. A fotografia como modo de representação da identidade: dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, 2007, p. 29-54.
- MORAIS, Paulo Alexandre Baptista. **A disciplina de educação visual e tecnológica face às tecnologias na escola: dinâmicas e contextos da utilização das TIC**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação e Pedagogia, Universidade do Minho, Portugal, 2006.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- WUNDER, Alik. Uma educação visual por entre literatura, fotografia e filosofia. **Políticas educativas**, Porto Alegre, v. 3, n.1, 2009, p.65- 78.